

ENTRE ESCARPAS E FACAS, A POESIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO E DONIZETE GALVÃO: CONFLUÊNCIAS E AFASTAMENTOS

Arlete de Falco¹

Resumo: Discute-se, neste trabalho, as poesias de João Cabral de Melo Neto e Donizete Galvão, buscando identificar como os poetas lidam com a memória pessoal em seus poemas. Apoiados em Collot (2013), Hamburger (2007), Secchin (2014;1985) e Rabello (2003), discutiremos os poemas Cento-e-sete, de Melo Neto, e O Senhor dos guizos, de Galvão, respectivamente de *A escola das facas* (1979) e *Ruminações* (1999).

João Cabral de Melo Neto inscreve-se na literatura brasileira como um poeta racional e objetivo, que define meticulosamente a arquitetura de seus poemas, buscando extrair o máximo de sentido de um número reduzido de palavras. Inimigo do verso fácil e da palavra apressada, Cabral acabou por ser visto como um poeta difícil, hermético, embora tenha deixado claro, desde o início de sua carreira, o compromisso com a comunicabilidade e a transitividade da poesia.

Rigor na construção do verso, procura pela imagem exata, fidelidade à sua gramática poética, que vai erigindo e burilando continuamente, são alguns dos elementos que permeiam o fazer poético de Cabral e o colocam como cânone nacional, a cuja fonte poetas contemporâneos comparecem, dentre os quais, Donizete Galvão, que estreou na literatura em 1988, com o livro *Azul Navalha*, num momento em que a obra de João Cabral de Melo Neto está consolidada e reconhecida nacional e internacionalmente; assim, ela se coloca como tradição na trajetória de Galvão o qual, embora dizendo-se leitor do poeta pernambucano, em mais de uma oportunidade declara não concordar com a visão de Cabral sobre o fazer poético. A principal objeção que Galvão faz é à convicção cabralina de que a poesia é fruto de trabalho perseverante e sua consequente negação daquilo a que se chama comumente de inspiração. Para Galvão, sem uma chispa inicial não se chega a um bom poema. Apesar disso, a poesia galvaniana está distante de um espontaneísmo. Sua obra revela consciência estética e muito trabalho. Esse fato, somado à preferência declarada de Galvão por poetas objetivos, à sua rejeição à poesia inflamada, e, acima de tudo, ao fato de esse poeta fazer de sua memória pessoal matéria de poesia nos sugeriu uma sutil intersecção entre sua obra e a de João Cabral de Melo Neto, de quem ele se revela leitor.

Dessa forma, busca-se investigar como esses dois poetas lidam com a memória pessoal, matéria lírica por natureza, que tem como base a particularidade e a individualidade (HEGEL, 1997), o que implica uma íntima ligação entre eu lírico e eu empírico. Os poetas em discussão não são adeptos à exposição escancarada do eu, o que não significa, porém, negar a subjetividade: ao falar de coisas, objetos, acontecimentos, o poeta está indiretamente falando de si, pois o que determina falar de uma coisa e não de outra são escolhas pessoais, subjetivas (COLLOT, 2013).

Neste trabalho, destacamos os poemas “Cento-e-Sete” (MELO NETO, 1994) e “O Senhor dos guizos” (GALVÃO, 1999), nos quais os poetas coincidem no resgate e incorporação de personagens recuperados de suas vivências pessoais. A tentativa de compreender por que caminhos “Cento-e-Sete” e “O Senhor dos guizos” se instauraram na geografia de cada um desses poetas foi nossa principal motivação.

De acordo com Antonio Carlos Secchin (2014), em *A escola das facas* há duas faces: uma conservadora, revelada na manutenção de elementos como o engenho, o canavial, o sertão, o homem sertanejo, bem como no tratamento formal dado aos poemas, e outra inovadora,

¹ Doutoranda em Estudos literários pela UFG – Universidade Federal de Goiás; docente na UEG – Universidade Estadual de Goiás. E-mail: arletedefalco@gmail.com.

marcada pelo uso da 1ª pessoa do discurso. Além do mais, a obra revela um sujeito histórico, integrado a uma sociedade.

Esse caráter histórico revela-se no poema escolhido para este trabalho:

CENTO-E-SETE

A José Antonio Gonsalves de Melo

Cento-e-Sete era um agregado
do casão-avô da Jaqueira,
agregado que mesmo ignora
seu quefazer, seu quefizera.

Antes, estivador no porto,
sua matrícula, “cento-e-sete”,
dispensava-o, e nos dispensava,
de dar seu nome, ou de o saber-se.

Na derradeira vez que o vi,
talvez já além dos cento e sete,
se queixava a meu primo Jarbas
de formigas que andavam nele,

Se esbofeteava todo o tempo
para esmagar as tais formigas
que lhe corriam sobre a pele
(com uma fúria para mim bíblica).

Porém Jarbas Pernambuco,
recém-doutor em medicina,
ouve-o, em Gonsalves de Melo,
cofia a barba e me confia:

As formigas são a esclerose;
não lhe andam na pele, é por dentro,
mas não lhe diga: que ele creia
morrer no Velho Testamento.
(MELO NETO, 1994, p. 428-429)

A escola das facas apresenta, na visão de Secchin, História e história. Para o crítico, no livro “há fortemente a presença da História da região, que é descrita nos poemas, bem como o retrato das histórias vividas naquele local” ((SECCHIN, 2014). p. 72). Isso se percebe no poema em questão. Não só a história regional comparece no poema, por meio da personagem e de recortes de sua trajetória de vida na região, como também a História numa acepção mais ampla, já que a figura do agregado é recorrente no contexto da sociedade brasileira e foi imortalizada na imagem de José Dias, personagem de Machado de Assis.

De acordo com Flávia Gieseler de Assis (2007), o modo de produção escravista e monocultor vigente na sociedade brasileira do século XIX cerceava o homem livre e tirava dele qualquer possibilidade de integração social. Sem ter como se sustentar, muitos viam na condição de agregado a única forma de sobreviver. Tratava-se de uma situação bastante ambígua, pois o agregado era tratado com consideração pelo senhor ao qual estava ligado, porém, viver como um apêndice na família tirava-lhe a dignidade, colocando-o numa posição inferior nas relações sociais.

Tal é o quadro evidenciado pelo poema. Mesmo tendo a liberdade de ignorar seu quefazer, Cento-e-Sete é um ser sem nome: “sua matrícula, ‘cento-e-sete,/dispensava-o, e nos dispensava/de dar seu nome, ou de o saber-se.”(grifo nosso).

Formalmente, o poema não destoa do projeto cabralino. “Cento-e-Sete” é composto por seis quadras, todas em versos octossílabos, com rimas toantes nos versos pares. Essas rimas não se dão, ao longo do poema, com vogais tônicas idênticas; na maioria dos casos ocorre uma variação da vogal-base da sílaba, que, de modo geral, apresenta-se com o timbre da vogal alterada, estabelecendo-se a rima entre fonemas vocálicos diferentes quanto ao timbre da tônica.

Chama a atenção no poema a crueza de sua construção, o que também se coaduna com a prática cabralina. Na sua narrativa, as ideias fluem naturalmente, com uma certa escassez de imagens. Destaca-se o efeito estético-semântico obtido no último verso da penúltima quadra, com a paranomásia: “cofia a barba e me confia”. Além da musicalidade do verso, a escolha lexical cria um efeito imagético e repassa ao leitor uma certa cumplicidade entre o eu lírico e seu interlocutor, que identifica a causa das formigas que atormentam Cento-e-Sete.

Para estabelecer o diálogo com o poema “Cento-e-Sete”, de João Cabral, nossa escolha recaiu sobre o poema “O Senhor dos Guizos”, extraído de *Ruminações*, quinta obra publicada por Donizete Galvão.

Ivone Daré Rabello (2003) considera que em *Ruminações* Galvão atinge a maturidade poética. Nessa obra o poeta aparece mais harmonizado com seu passado e sua memória. E mesmo escrevendo da metrópole, fisicamente distante de Minas, Donizete Galvão recupera a “cidadania de sua pátria atemporal, a Minas interiorana jamais abandonada.”(SANCHES NETO, 2000, p. 2), e a guarda como um patrimônio íntimo, em forma de memória. O poeta não se interessa pelos dados reais, mas por aquilo que de seu espaço ficou impregnado em sua alma, em seus olhos. Esses dados, agora vistos de longe, passam por um processo quase que de reconfiguração.

Defende Gaston Bachelard (2001, p. 94) que “A memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações”. Atravessadas por cenas e personagens da mítica Minas Gerais, as reminiscências não afloram na poesia de Donizete Galvão por meio de um subjetivismo regularmente explícito. Retomando Collot (2013), sabemos que o eu lírico pode figurar “fora de si”, e se manifestar por meio da forma como o eu lírico vê o objeto. O poema escolhido para esse estudo, “O Senhor dos Guizos”, ilustra essas considerações.

O SENHOR DOS GUIZOS

Lázaro Marques
nasceu abençoado
pelo gosto do riso,
pela chispa de luz
no olho raso,
pela riqueza,
- não de terras –
mas de memória.

Lázaro Marques
Tem a mão benta.
Do solo em que joga
sementes e mudas
brotam jabuticabeiras,
limas de bico, ingazeiros,
jaracatiás, jambeiros, jatobás.

Lázaro Marques
é feito de cerne,
paçoca de amendoim
socada em pilão
e talagadas de cachaça
mantêm-lhe aceso o facho.

Lázaro Marques
tem anjo da guarda
de muito siso.
As cascavéis cruzam
em seu caminho.
Erram o bote.
Ele guarda os guizos
dentro de um pote.
(GALVÃO, 1999, p. 18-19)

Identifica-se, em Galvão, uma prática recorrente: a inserção na poesia de seres recuperados de situações triviais do dia a dia, e nessas cenas poéticas “os simples não são os humilhados e os ofendidos, seres abstratos; surgem aqui em figuras únicas, flagradas no ato de viver de restos e também de orgulho, riso e graça” (RABELLO, 2003, p. 94). Nesse contexto emerge Lázaro Marques, para instaurar-se no aqui/agora do poema que, escrito em terceira pessoa, principia com a apresentação da personagem, de quem o eu poético vai constituindo um retrato. Composto por quatro estrofes, “O Senhor dos Guizos” não segue uma distribuição regular de versos nessas estrofes, que se apresentam num decrescendo: a primeira estrofe é formada por oito versos, a segunda por sete, a terceira por seis, voltando a quarta a apresentar oito versos, todos eles brancos; os versos não se apresentam com a mesma medida, mas estão distribuídos de forma a assegurar um ritmo harmônico. Na primeira estrofe o leitor já se depara com alguns elementos que sinalizam para o perfil psicológico da personagem: Lázaro Marques tem “o gosto do riso” e uma “chispa de luz” nos olhos; além disso, é abençoado por uma memória grandiosa. Esses elementos já são suficientes para compor uma imagem positiva da personagem; mas a segunda estrofe traz outros dados que reforçam essa positividade, resvalando os limites do sagrado: a personagem tem uma relação de harmonia com a natureza, como se pode perceber nos versos: “Do solo em que joga/sementes e mudas/brotam jabuticabeiras/limas de bico...” A oposição entre os verbos “joga/brotam” mimetiza a prontidão das respostas ao gesto despojado de Lázaro Marques.

Lázaro Marques foi recuperado de um tempo e um espaço pela voz de Donizete Galvão, assim como o foi Cento-e-Sete, por João Cabral de Melo Neto. Essas personagens ressurgem pela memória individual – e em alguns casos pela memória social - desses poetas, que, ao fazerem delas o conteúdo de seus poemas, ora se aproximam, ora se afastam.

Ambos os poetas trazem para o interior de seus poemas personagens simples, miúdas, saídas das camadas baixas da sociedade. Ao fazer isso, um poeta corre alguns riscos, dentre os quais a adoção de um tom complacente, transformando o texto numa apologia ao viver de modo simples. Outro risco é reiterar as distâncias sociais.

A personagem de Galvão não comparece no texto conduzida pelas mãos solidárias do poeta. Pelo contrário, em sua explosão de alegria, pois que “tem o gosto do riso”, Lázaro Marques é um homem forte, tem domínio sobre a natureza – de suas mãos brota a abundância de frutas - e sobre os animais, no que podem conotar de mal, o que no texto vem metaforizado na imagem da cascavel. E há algo muito especial respaldando tudo isso: Lázaro Marques é

protegido por um anjo da guarda de “muito siso” e caminha autoconfiante, pois, não bastasse a proteção que recebe, seu ser “é feito de cerne”, o que reforça o caráter mítico da personagem. Formalmente, a grandeza da personagem aparece expressa no poema por meio do uso de seu nome completo, a cada retomada que o eu poético faz.

Diferentemente de Lázaro Marques, que carrega em seu nome a imponência de uma proparoxítona, de Cento-e-Sete ignora-se o nome: serve para identificá-lo o número de sua matrícula de seus tempos de estivador.

Secchin (1985) chama a atenção para uma tensão existente em *A escola das facas* e que se relaciona com o lugar social do poeta. O binômio senzala/Casa-Grande, que aparece em outros poemas da obra, assume uma outra configuração nos poemas ligados ao período da infância do poeta, nos quais a relação que se estabelece é trabalhador-patrão. Mesmo em face do esforço do poeta para diluir as marcas que desnudam essa relação, ela transparece no texto. Para dissolver essa relação vertical e hierárquica, o poeta se utiliza de algumas estratégias. Uma delas é o silenciamento de um caráter eventualmente opressivo. Não é por acaso que em todos os poemas que trazem personagens extraídos do universo do trabalho no engenho, apenas uma é mostrada no exercício desse trabalho. Além disso, o eu poético tenta velar a posição que ocupa nas relações sociais, o que linguisticamente se manifesta na diluição do eu e sua substituição por um ‘nós’ (SECCHIN, 1985, p. 279). No poema em foco, isso pode ser observado no terceiro verso da primeira estrofe: “Antes estivador no porto,/sua matrícula, ‘cento-e-sete’,/dispensava-o, e nos dispensava,/de dar seu nome, ou de o saber-se”(MELO NETO, 1994, p. 428). Além da diluição do eu poético em um ‘nós’, uma outra ideia se insinua: a de que a despersonalização de Cento-e-Sete não é fruto da ação desse ‘nós’; pelo contrário, o ‘nós’ aparece como paciente da ação. A situação traz no seu bojo uma banalização da perda da individualidade, da despersonalização, e de tudo que isso pode acarretar.

Para Rabello (2003) em *Ruminações*, Galvão encontra o seu equilíbrio e se harmoniza com seu espaço que é, segundo essa autora, um espaço social. Nessa linha, entende-se a grandiosidade de Lázaro Marques como decorrente desse equilíbrio do eu poético, assim como a sua atemporalidade mitificada, em oposição à natural demência de Cento-e-Sete que, já passando dos cento e sete, trava uma luta furiosa (quase bíblica!) com formigas imaginárias. O eu poético não faz menção à idade de Lázaro Marques, mas assegura que ele é “feito de cerne”, ou seja, é muito resistente, quase invulnerável, além de ter vitalidade sexual, pois “paçoca de amendoim/socada em pilão/e talagadas de cachaça/mantêm-lhe aceso o facho”(GALVÃO, 1999, p. 18). Ainda um outro ponto distancia as personagens: enquanto Lázaro Marques tem ascensão e domínio sobre os animais (“As cascavéis cruzam/em seu caminho./Erram o bote.”), Cento-e-Sete trava uma luta permanente com formigas imaginárias, luta na qual já está escrita a sua derrota, restando-lhe como conforto acreditar “morrer no Velho Testamento”, sobrepujado por forças sobrenaturais.

A partir dessa breve análise, procuramos evidenciar que, apesar de aparentemente serem profundas as diferenças entre as poéticas de João Cabral de Melo Neto e de Donizete Galvão, em vários pontos registram-se confluências entre os dois poetas, como se procurou demonstrar neste trabalho. Dentre essas confluências, destacamos a recorrência à memória pessoal - e em alguns pontos também a memória social e coletiva – como matéria nutriente do fazer poético.

Referências

ASSIS, F. G. *Visões do agregado em Machado de Assis*. 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília – UnB. Instituto de Ciências Sociais. Departamento de sociologia. Brasília (DF), 2007.

BACHELARD, G. Os devaneios voltados para a infância. In: _____. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 93 – 137.

COLLOT, M. *O sujeito lírico fora de si*. Trad. Zênia de Faria, Patrícia Souza Silva Cesaro. *Signótica*. v. 25, n. 1, jan./jun. 2013. p. 221-241.

GALVÃO, D. *Ruminações*. São Paulo: Nankin Editorial, 1999.

HEGEL, G. W. F. II. A poesia lírica. In: _____. *Curso de estética: o sistema das artes*. Trad. Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 510-555.

MELO NETO, J. C. A escola das facas. In: _____. *Obra completa*. v. Único. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994. p. 417-460.

RABELLO, I. D. A matéria impura da poesia. In: GALVÃO, D. *Mundo Mudo*. São Paulo: Nankin Editorial, 2003.

SANCHES NETO, M. Retrato do poeta enquanto boi. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 3 de jan. 2000. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br>>.

SECCHIN, A. C. *João Cabral de Melo Neto: uma fala só lâmina*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SECCHIN, A. C. *João Cabral: A Poesia do Menos*. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.